



Disponível em
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, art. 1,
pp. 142-162, Mar./Abr. 2017
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150047>



Os Circos Contemporâneos como Heterotopias Organizacionais: Uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá

**Contemporary Circus as Organizational Heterotopias: A Multi-sited Ethnography in
the Brazilian-Canadian Context**

Josiane Silva de Oliveira¹
Neusa Rolita Cavedon²

Universidade Federal de Goiás¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul²

**Artigo recebido em 06.04.2015. Última versão recebida em 29.05.2016. Aprovado em 03.06.2016.
Publicado online em 31.08.2016.**

Resumo

Neste artigo buscamos entender os circos contemporâneos desde a perspectiva das heterotopias organizacionais. Realizamos uma aproximação teórica entre Estudos Baseados em Práticas nos Estudos Organizacionais e o conceito de heterotopias desenvolvido por Michel Foucault. A partir de uma etnografia multissituada focada nos processos organizativos do circo contemporâneo no Brasil e no Canadá, identificamos conjuntos de práticas organizativas que alteraram as relações de forças no campo das artes nos contextos estudados, resultando na produção de **outros espaços** – ou heterotopias, de acordo com Michel Foucault – na sociedade que possibilitaram os circos se constituírem como organizações. Como contribuição teórica, apresentamos o conceito de heterotopias organizacionais para as análises de organizações que se constituem com base em multiplicidade socioespaciais. A contribuição metodológica do artigo é a apresentação da etnografia multissituada como estratégia de pesquisa de estudos dos processos organizacionais estabelecidos em diferentes contextos culturais e localidades.

Palavras-chave: circos contemporâneos; heterotopias; práticas organizacionais; etnografia multissituada.

Abstract

This study seeks to understand contemporary circuses from an organizational heterotopia perspective by carrying out a theoretical approach between Practice-based Studies in Organizational Studies and the concept of heterotopias, developed by Michel Foucault. Through a multi-sited ethnography focused on the organizational processes of contemporary circuses in Brazil and Canada, we identified sets of organizational practices altering the relationships of forces in the field of Arts in the researched contexts, resulting in the production of **other spaces** – or heterotopias, according to Michel Foucault – in society enabling the circuses to be constituted as organizations. We present the concept of organizational heterotopias as a theoretical contribution to analyze organizations based on socio-spatial multiplicity. The methodological contribution of this paper is the introduction of multi-sited ethnography as a research strategy for studies on organizational processes established in different cultural contexts and locations.

Key words: contemporary circus; heterotopias; organizational practices; multi-sited ethnography.

Introdução

O objetivo deste artigo⁽¹⁾ foi compreender de que maneira as práticas organizativas constituem os circos contemporâneos enquanto heterotopias organizacionais. As discussões teóricas propõem uma aproximação do conceito de práticas desenvolvido nos Estudos Baseados em Práticas (EBP), dos Estudos Organizacionais, com os debates propostos por Foucault (2013) sobre a constituição das heterotopias na sociedade. De acordo com Foucault (2013), as heterotopias são “determinados posicionamentos que carregam em si a propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de tal modo que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações por eles designadas, refletidas ou pensadas” (Foucault, 2013, p. 414).

Apesar de os EBP terem avançado teoricamente nos últimos anos nos Estudos Organizacionais (Bispo, 2015; Gherardi, 2015; Nicolini, 2013), especialmente no sentido de desconstruir dicotomias nas quais as Ciências Sociais se pautaram durante muitos anos, a exemplo dos debates sobre indivíduo-sociedade, esses estudos ainda são questionados em relação ao avanço de sua capacidade crítica no âmbito da análise organizacional (Czarniawska, 2013; Feldman & Orlikowski, 2011; Reckwitz, 2012). Buscando avançar teoricamente nesse sentido, neste artigo propomos uma aproximação do conceito de heterotopias desenvolvido por Foucault (2013) para compreender como as práticas organizativas podem produzir **outros espaços** organizacionais que não os hegemonicamente estabelecidos na sociedade.

Esses **outros espaços**, que Foucault (2013) denomina de heterotopias, diferenciam-se das utopias – espaços ilusórios e imateriais, sendo que seus posicionamentos são construídos por meio de analogias com a sociedade – pois são espaços concretos, materializados e localizáveis. Ramos (2010) destaca, nestes **espaços outros**, a existência de práticas que se equilibram entre a gestão institucional e aquilo que é produzido pela (re)apropriação ou subversão desses modos coletivos de gestão. Para a referida autora, tais práticas reatualizam constantemente as forças, lutas, embates, contradições desses diferentes usos dos espaços sociais. Sendo assim, Ramos (2010) destaca a importância de se incorporar o conceito de heterotopias discutido por Foucault (2013) para analisar a produção desses **espaços outros** na sociedade para além dos modos instituídos de gestão. As heterotopias são processos organizacionais que conseguem transpor a instituição e inscrever poderes no espaço os quais escapam às normas e às regras gerais por meio de práticas que justapõem o formal, o institucional ou o moralmente aceito, bem como aquilo que é necessário, viável ou contraposto à vida social organizada (Ramos, 2010).

Para evidenciar como esse conceito de heterotopias (Foucault, 2013) pode contribuir aos EBP nos Estudos Organizacionais (Cairns, McInnes, & Roberts, 2003; Fahy, Easterby-Smith, & Lervik, 2014), o contexto empírico de pesquisa escolhido foi a constituição do processo organizativo do circo contemporâneo. Considerados como organizações centradas na tradição familiar e nômade, os circos, no século XX, têm reconfigurado suas práticas e seus processos organizativos na medida em que sujeitos que não possuem tradição familiar com as artes circenses, e sendo profissionalizados em escolas formais ou não, têm ingressado nesse contexto organizacional, alterando os modos de fazer circo na contemporaneidade (Ofen, 2010; Parker, 2011).

Para compreender essas alterações no processo organizacional dos circenses, o método de pesquisa utilizado foi a etnografia multissituada (Marcus, 1999). Isso porque o circo contemporâneo tem se fortalecido simultaneamente em diferentes contextos culturais pelo mundo, formando uma cadeia global de produção artística (Leslie & Rantisi, 2010). Sendo assim, a etnografia realizada em um circo brasileiro localizado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, iniciou-se no mês de março e foi finalizada durante o mês de dezembro de 2011. A partir das observações participantes dessa fase de pesquisa registradas em diários de campo, conforme preconiza o método etnográfico (Clifford, 1997), foi possível compreender que as práticas de organização dos circenses brasileiros são influenciadas pelas organizações circenses canadenses, visto ser esta localidade referência mundial de produção da cadeia do circo contemporâneo (Leslie & Rantisi, 2010). Com base nessas constatações, seguimos essa rede de práticas organizativas desenvolvendo a etnografia com um circo canadense entre os meses de janeiro e setembro do ano de 2013, no intuito de compreender como esses dois contextos culturais são interligados

por um conjunto de práticas organizativas que possibilitam a constituição dos circos como heterotopias organizacionais, especialmente nessa cadeia global de produção das artes do circo. Foi possível compreender que os circos contemporâneos se caracterizam como heterotopias de desvio por se constituírem diferentemente dos modos costumeiros dos circos familiares e tradicionais, bem como dos modelos empresariais centrados na lógica da profissionalização formal dos trabalhadores.

Os resultados dessas discussões, analisados interpretativamente, conforme preconiza o método etnográfico (Clifford, 2008), estão apresentados nesse artigo em seis seções, além desta introdução. Primeiramente, articulamos um debate sobre a formação do campo dos EBP nos Estudos Organizacionais, definindo nosso posicionamento em relação à essas discussões. A seguir, aproximamos as proposições de Foucault (2013) sobre o conceito de heterotopias às análises organizacionais. A seção do método é dedicada ao conceito de etnografia multissituada e como ela foi desenvolvida nesse estudo. As discussões sobre a pesquisa de campo são divididas em dois momentos: inicialmente sobre o contexto cultural brasileiro e, a seguir, sobre a pesquisa no Canadá. Ao final, apresentamos as contribuições dos achados empíricos e das teorizações para os Estudos Organizacionais, além de possíveis desdobramentos dos resultados deste estudo em futuras pesquisas.

Definindo o Conceito de Práticas nos Estudos Organizacionais

Por reconhecer o caráter processual da vida social, os espaços enfatizados para as análises dos EBP nos Estudos Organizacionais não são somente aqueles preconizados hegemonicamente nas pesquisas em Administração, ou seja, espaços empresariais formalizados e definidos a partir de suas localização e determinação física. A ênfase está no entendimento de como a vida social se organiza em diferentes espaços sociais (Leite-da-Silva, Carrieri, & Souza, 2012; O'Doherty, De Cock, Rehn, & Ashcraft, 2013; Oliveira & Cavedon, 2013; Santos & Silveira, 2015), tendo como efeito a constituição de diferentes abordagens teóricas para o entendimento do conceito de práticas e sua relação com as dinâmicas sociais. Portanto, os EBP não podem ser unificados a partir de um espectro comum do conceito de práticas.

Feldman e Orlikowski (2011) e Orlikowski (2010) discutem os EBP a partir de três diferentes modos de pesquisa: (a) as práticas como fenômeno; (b) as práticas como perspectiva teórica; e (c) as práticas a partir de uma discussão filosófica. As referidas autoras propugnam que as diferentes ênfases têm como efeito distintas compreensões sobre o poder das práticas na produção da vida social. Os estudos que enfatizam as práticas como um fenômeno destacam o que os praticantes fazem em ação, pois elas são consideradas base para a sofisticação de modelos e estruturas de análise organizacional (Orlikowski, 2010).

O campo de estudos sobre práticas como perspectiva desenvolve uma abordagem analítica de fenômenos sociais particulares, destacando a vida cotidiana como produtora da sociedade (Orlikowski, 2010). De acordo com Orlikowski (2010), esse campo de estudos compreende duas principais gerações de teóricos das práticas: a primeira formada por autores como, por exemplo, Michel de Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu; e, a segunda, de teóricos das práticas, a exemplo de Theodore Schatzki, Andreas Reckwitz e Sherry Ortner.

As teorizações versando sobre as práticas como filosofia têm proposto a construção de uma ontologia das práticas na vida social, ou seja, debater a natureza e a construção da realidade social a partir das práticas (Orlikowski, 2010). Essa abordagem de estudos propõe compreender de maneira conjunta elementos, fenômenos ou conceitos que são comumente tratados como oposições nas Ciências Sociais, a exemplo das discussões sobre indivíduo-sociedade, subjetividade-materialidade, razão-emoção, ou mesmo humanos e não humanos (Latour, 2006).

Uma das principais críticas aos EBP nos Estudos Organizacionais é a sua falta de capacidade crítica, especialmente ao focalizar as análises no mundo vivido nas organizações sem destacar como

este é produzido pelas relações de forças na sociedade (Gherardi, 2010, 2012; Oliveira & Cavedon, 2013). É nessa lacuna teórica dos EBP que as teorizações de Michel Foucault podem contribuir às análises organizacionais, visto que, para o referido autor, as práticas, em seu caráter organizativo, podem produzir **outros espaços** organizacionais que não os determinados pelos processos hegemônicos na sociedade.

Para compreender esses **outros espaços**, Foucault (2013) discute o conceito de heterotopias que se constituem como espaços que carregam em si a propriedade de estar em conexão com diferentes outros espaços sociais, entretanto seus usos invertem as relações de forças que as constitui. Isso possibilita o entendimento sobre como a produção de espaços sociais, o que inclui as organizações, ocorrem engendradas em lutas sociais, de estratégias e táticas (Certeau, 2008), capazes de produzir diferentes configurações de relações de poder situadas e distintas daquilo que parecem refletir (Ramos, 2010).

A contribuição desses debates para os EBP é a discussão sobre os efeitos das práticas das organizações nas diferentes formas de produção, uso e apropriação dos espaços sociais (Ramos, 2010) para além das prerrogativas institucionais. Essas práticas podem criar processos organizativos que rompem com a compreensão do que pressupomos ser determinadas organizações, bem como podem se configurar como locais que fogem aos padrões estabelecidos e esperados de determinadas práticas organizacionais, sendo consideradas como práticas desviantes. O importante é compreender como essas práticas operam em determinados contextos organizativos. Assumindo uma abordagem filosófica das práticas, na próxima seção deste artigo discutimos como o conceito de heterotopias de Foucault (2013) pode contribuir as análises organizacionais, especialmente aos EBP.

Aproximando o Conceito de Heterotopias aos Estudos Organizacionais

Dentre as diferentes formas de produção do espaço social (Everts, Lahr-Kurten, & Watson, 2011; Fahy *et al.*, 2014; Rodríguez-Amat & Brantner, 2016), Foucault (2013) destaca processos organizacionais que são produzidos e reproduzidos a partir de contrapontos às formas dominantes de organização social. Deslocando o entendimento de espaço do conceito de localização geográfica e das discussões sobre extensão, Foucault (2013) destaca para as suas análises os espaços onde as tramas das relações sociais são produtoras de configurações heterogêneas. Para Foucault (2013), as análises dos espaços deveriam contemplar descrições dessas diferentes relações que possibilitam configurar posicionamentos, a exemplo das definições das passagens pelas ruas – os feixes que unem os trajetos dos trens, as divisões das casas onde os sujeitos residem, ou mesmo os locais de trabalho.

O que interessa a Foucault (2013, p. 115) é analisar “determinados posicionamentos que carregam em si a propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de tal modo que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações por eles designadas, refletidas ou pensadas”. Esses espaços são denominados pelo referido autor como heterotopias. Ao contrário das utopias, que são espaços ilusórios e imateriais, sendo seus posicionamentos construídos por meio de analogias com a sociedade, as heterotopias, para Michel Foucault, são espaços localizáveis.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2013, p. 115).

Entre as utopias e as heterotopias, há uma espécie de experiência mista que Foucault (2013) associa ao exemplo do espelho. No espelho, para o referido autor, é possível observar um espaço irreal de localização, uma vez que se enxerga o ausente, configurando utopias. Entretanto, o espelho é, igualmente, uma heterotopia, pois ele realmente existe, possui um lugar localizável e com uma relação com todo o espaço que o envolve. Foucault (2013) discute que as heterotopias são diferentes de tudo o que elas parecem refletir, pois, apesar de estarem em relação com todo o espaço social, elas podem possuir uma dimensão de contrapositionamentos.

Por isso, é necessário analisar as dimensões dos espaços sociais para além do que se denomina de representações. É preciso atentar para os efeitos das heterotopias na sociedade, pois o espaço é um meio de intervenção dos sujeitos. Gallan (2015), por exemplo, em um estudo sobre a ocupação por jovens dos espaços urbanos na Austrália, destaca que as heterotopias são locais onde as diferenças são valorizadas. Isso porque, de acordo com o referido autor, nesses espaços são invertidas as relações de forças na sociedade, o que, no contexto pesquisado, possibilita aos jovens ocuparem locais que durante a vida diurna da sociedade não lhe são **permitidos**. É por isso que as heterotopias, apesar de localizáveis, possuem uma dimensão temporal que pode não ser permanente, conforme discute Foucault (2013).

Foucault (2013) apresenta um conjunto de seis princípios que configuram as heterotopias. O primeiro princípio é o de que, em todas as culturas no mundo, são produzidas heterotopias, ou seja, existem diferentes formas de produção e apropriação dos espaços sociais e das relações de poder que são dispersas na sociedade. Esse princípio destaca a qualidade relacional e heterogênea do espaço social.

Foucault (2013) destaca as heterotopias como sendo de dois tipos: as de crise e as de desvio. As heterotopias de crise são constituídas por lugares onde os sujeitos apresentam manifestações que rompem com a ordem e as instituições socialmente aceitas (Foucault, 2013). Esse processo faz com que os sujeitos produzam comportamentos críticos, da transposição à normatividade, criando espaços que se caracterizam pelo rompimento com as normas sociais. Essas transposições das normas dos espaços sociais também pode se configurar como heterotopias de desvio (Foucault, 2013). Estas últimas se caracterizam não pelo rompimento, mas pelo desvio em relação às normas e instituições sociais, produzindo comportamentos que, apesar de escaparem, podem ser encontrados na sociedade (Ramos, 2010). Por isso, as heterotopias de desvio produzem lugares de segregação e de isolamento dos sujeitos desviantes, a exemplo das clínicas psiquiátricas, prisões, escolas ou casas de repouso, por exemplo, como afirma Foucault (2013).

O segundo princípio assinala que cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado em diferentes sociedades, portanto diferem em sua configuração e atuação (Foucault, 2013), possibilitando fazer funcionar diferentes processos organizacionais que sempre existiram em diversos espaços sociais. Foucault (2013) discorre sobre os cemitérios, visto que esses são um espaço cultural que está em ligação com um conjunto de outros posicionamentos na sociedade, pois cada sujeito, família, grupo pode ter parentes ou conhecidos no cemitério. De acordo com o referido autor, até o final do século XVIII os cemitérios situavam-se dentro das Igrejas e possuíam hierarquias de sepulturas que reproduziam distinções de posições que os sujeitos em vida ocupavam na sociedade. No século XIX, a reconfiguração das práticas sociais, com a ascensão da classe burguesa, o deslocamento do centro do mundo de Deus para o homem moderno e a expansão urbana das cidades, fez com que ocorresse uma individualização da morte, sendo os cemitérios deslocados para os limites exteriores das cidades (Foucault, 2013). Nesse mesmo período, dados os avanços dos conhecimentos científicos e dos saberes sobre os corpos, os mortos foram considerados como risco eminente de doença para os vivos, resultando no deslocamento dos cemitérios para as periferias das cidades (Foucault, 2013).

De acordo com Foucault (2013), as heterotopias podem justapor em um só lugar real vários espaços e posicionamentos considerados incompatíveis. Os espaços de acesso público, a exemplo dos teatros, são, para o referido autor, espaços onde as diferentes dimensões da vida, consideradas estranhas umas às outras, são justapostas com usos e significações múltiplas. Isso porque, nesses espaços, é possível questionar, subverter, transgredir e reapropriar a ordem pública (Foucault, 2013). Por isso, eles estão sendo, atualmente, ocupados por mecanismos de intervenção dos governos, limitando as

possibilidades de atuação dos sujeitos para além da ordem imposta, a exemplo da lei de propriedade que prioriza a posse em detrimento ao uso (Ramos, 2010).

Essa discussão, conforme afirmam Cairns, McInnes e Roberts (2003), possibilita compreender a imperfeição das teorizações sobre o panóptico aplicado às análises organizacionais. De acordo com os referidos autores, o entendimento das organizações como lugares de estabilidade impede a compreensão de como diferentes espaços e tempos são produzidos nas mesmas, a partir de suas relações com distintos atores sociais. Então, devido à necessidade de estabilidade e controle, ou seja, de uma estrutura, para compreender a dinâmica organizacional, as práticas elencadas para os estudos organizacionais foram predominantemente, durante o século XX, as que compunham o conjunto da dimensão racional dos sujeitos sociais (Cairns *et al.*, 2003).

Foucault (2013), apesar de não apresentar diretamente as proposições sobre relações de poder nessa discussão sobre os **outros espaços**, o que acaba por fazer posteriormente, destaca que esses mecanismos estratégicos de gestão do espaço visam capitalizar o tempo. Isso significa que as heterotopias estão ligadas a heterocronias, possibilitando colocar os sujeitos em uma espécie de ruptura com o tempo tradicional (Foucault, 2013). O autor ainda discorre sobre os museus e as bibliotecas como espaços onde essa temporalidade pode ser capitalizada, pois essas organizações possibilitam a produção e a acumulação do tempo em um lugar pertencente à modernidade, e são próprias da cultura ocidental do século XIX no sentido de determinar o que são ou não fatos históricos. As heterotopias também são articuladas em espaços onde o tempo não é dominado (Foucault, 2013). É o caso das feiras ou dos circos que, para Foucault (2013), reapropriam os espaços públicos nas periferias das cidades por períodos de tempo curtos, uma ou duas vezes ao ano, e apresentam intervenções de contraposicionamentos aos posicionamentos do espaço urbano gerenciado, e são processos de subversão ao formal, moral e legalmente instituído (Foucault, 2013; Ramos, 2010).

Por isso, as heterotopias possuem formas de abertura e fechamento simultâneos, que podem isolá-las ou torná-las penetráveis (Foucault, 2013). Nesse aspecto, têm-se as discussões em torno das práticas que podem delimitar as dimensões públicas e privadas dos espaços heterotópicos. Esses sistemas de abertura e fechamento delimitam, ainda que temporariamente, os usos dos espaços. Foucault (2013) discute que, nesse caso, ou se é obrigado a fazer certos usos dos espaços, como no caso das heterotopias do desvio, a exemplo das prisões, escolas, hospitais, ou se tem que cumprir certo número de gestos que caracterizam os contraposicionamentos.

O último princípio é que as heterotopias podem criar espaços de ilusão que denunciam como mais ilusório qualquer espaço real, ou, pelo contrário, criam espaços de compensação que só são possíveis de se concretizarem nas heterotopias (Foucault, 2013). No segundo caso, Foucault (2013) discorre sobre as colônias, onde a regulamentação do espaço público visava criar um lugar perfeito para a vida humana, e que as relações de poder determinariam os posicionamentos de cada indivíduo no espaço. Esse processo pode ser materializado na produção de discursos sobre o cotidiano dos sujeitos, determinando a naturalização das formas de organização da sociedade para garantir o ordenamento social. Nas heterotopias que criam os espaços de ilusão é onde acontece o extravasamento do caos, da desordem do social. Foucault (2013) recorre às discussões sobre os bordéis, apresentando, ainda que de forma incipiente, o dispositivo da sexualidade para afirmar o quanto a vida cotidiana é compartimentalizada e regida por relações de poder que se concretizam no desequilíbrio das articulações entre os sujeitos e a ordem pública.

Essas proposições de heterotopias de Foucault (2013) foram muito criticadas em diversos estudos, especialmente pelo autor focar-se excessivamente no uso de metáforas para a explicação do conceito, o que, por um lado, limitava o desenvolvimento teórico do mesmo e, por outro, restringia o entendimento das heterotopias aos espaços fechados, a exemplo dos hospitais. Recentemente, diversos autores (Beyes & Steyaert, 2011; Gallan, 2015; Ramos, 2010; Rodríguez-Amat & Brantner, 2016; Soja, 1993) têm retomado esse conceito de Michel Foucault para compreender as dinâmicas espaciais nos contextos urbanos. Isso porque as heterotopias possibilitam deslocar as discussões sobre espaços da bifurcação teórica entre representações e materialidade ao propor a existência de elementos heterogêneos que escapam à ordem normativa. Então, na área de Geografia, por exemplo, Soja (1993, p. 26) propõe:

O espaço heterogêneo e relacional das **heterotopias** de Foucault não é nem um vazio desprovido de substância, a ser preenchido pela intuição cognitiva, nem um repositório de formas físicas a ser fenomenologicamente descrito em toda a sua resplandecente variabilidade. Trata-se de um espaço outro ... espacialidade efetivamente vivida e socialmente criada, simultaneamente concreta e abstrata, a contextura das práticas sociais. É um espaço raramente visto, pois tem sido obscurecido por uma visão bifocal que, tradicionalmente, encara o espaço como um constructo mental ou como uma forma física.

A partir desse entendimento, as heterotopias seriam os arranjos das práticas sociais heterogêneas. De acordo com Soja (1993), se, primeiramente, os espaços foram discutidos em relação à sua dimensão física e, em um segundo momento, no que se refere aos aspectos abstratos – o mesmo acontece nos Estudos Organizacionais em relação ao conceito de espaço organizacional – essa discussão sobre heterotopias pode auxiliar na compreensão de um terceiro espaço. Esse terceiro espaço, para Soja (1993), configuraria uma dialética relacional entre espaço, tempo e ser social na sociedade contemporânea.

Tal debate sobre as heterotopias também foi realizado por Steyaert (2008) sobre os processos organizacionais das cidades. Beyes e Steyaert (2011) avançam nessas discussões ao proporem o conceito de *spacing* ou espaçamentos, para ampliar o conceito de espaços organizacionais. Beyes e Michels (2011) também utilizaram o conceito de heterotopias para o entendimento da construção dos espaços universitários, assim como Sandberg, Fejes, Dahlstedt e Olson (2016) discutem os espaços de educação de adultos como heterotopias de desvio. É no estudo de White, Hillman e Latimer (2012) que as heterotopias são articuladas diretamente em relação às práticas nas organizações, em que, a partir de uma etnografia em três diferentes espaços de um hospital no Reino Unido, discutem as contraditórias relações de lógicas que constituem um hospital e, portanto, permite a identificação desse processo organizativo como um espaço heterotópico. De acordo com os referidos autores, no espaço hospitalar as fronteiras do trabalho emergem como fronteiras espaciais que envolvem práticas de divisão do trabalho, distribuição de recursos e distinções identitárias demonstrando as assimetrias das relações de poder. White *et al.* (2012) destacam como, em meio a essa dinâmica, são produzidos espaços alternativos de vivência no espaço hospitalar.

Cairns *et al.* (2003) discutem como o conceito de heterotopias pode auxiliar no entendimento da produção dos espaços organizacionais. Para os autores, os conceitos de espaço e tempo nos Estudos Organizacionais têm sido considerados a partir de definições *a priori*, sendo comodificadas, racionalizadas e consideradas determinísticas. As análises organizacionais têm se constituído com base em conceitos dicotômicos, a exemplo dos espaços fixos e móveis, real e virtual, nômade e sedentário.

As heterotopias, estudadas por Michel Foucault, para Cairns *et al.* (2003), compreendem um conjunto de práticas, comportamentos e artefatos que podem ser fixos, transitórios ou efêmeros, pois esse conceito de análise transcende o entendimento da produção de espaços a partir da dicotomia empírico/transcendental que sustenta alguns debates sobre os espaços organizacionais. Cairns *et al.* (2003) destacam que o conceito de heterotopias possibilita compreender como os processos organizacionais se formam com base na articulação de diferentes lugares em uma dinâmica contraditória e sem um modelo universal, o que engloba a ambiguidade e a complexidade dos processos organizativos.

Cairns *et al.* (2003) postulam que a heterotopia é uma característica não reconhecida dos espaços organizacionais e uma resposta à natureza imperfeita do controle organizacional. As heterotopias não são naturais às organizações. Elas emergem de um conjunto de práticas articuladas com a dimensão material do cotidiano e podem se forjar a partir de um grupo de trabalhadores autônomos, de projetos transitórios, abarcando múltiplas realidades espaço-temporais (Cairns *et al.*, 2003).

Um processo organizacional que destacamos nesse artigo por se constituir com base em projetos transitórios e múltiplas realidades espaço-temporais é o que se produz no circo. Comumente considerado como constituído por organizações familiares e nômades, nos últimos anos o ingresso de sujeitos que não tem tradição familiar com as artes no cotidiano organizacional dos circos tem reconfigurando suas práticas e produção de espaços organizacionais. Para compreender essa dinâmica, na próxima seção

deste artigo apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo realizada de forma que também seja possível compreender a razão da escolha do circo como objeto de estudo.

A Etnografia Multissituada

A apropriação do método etnográfico (Clifford, 1997) nessa pesquisa possibilitou-nos a compreensão de como o cotidiano e os espaços organizacionais dos circos contemporâneos são produzidos na sociedade. Isso porque, para Clifford (1997), a etnografia é um processo que permite, em termos físicos e intelectuais, a captura das vicissitudes do saber e do fazer no campo. Para o referido autor, durante o século XX, os estudos etnográficos privilegiaram as práticas de convivência intensiva da pesquisa em detrimento do caráter processual que o método etnográfico impõe aos pesquisadores. Para Clifford (1997), é necessário retomar a processualidade etnográfica de modo a considerar os circuitos e as redes de práticas que possibilitam compreender fenômenos sociais que se caracterizam pela interconexão de diferentes contextos culturais.

Com base nesse argumento, Marcus (1999) propõe o desenvolvimento de etnografias multissituadas. Para o referido autor, essa prática etnográfica possibilita reconectar as dimensões micro e macrosociais que durante muito tempo foram discutidas e compreendidas em separado nas pesquisas das áreas das Ciências Sociais e Humanas. Essa processualidade do etnógrafo em campo possibilita, de acordo com Marcus (1999), decifrar redes, associações e práticas que articulam o cotidiano dos sujeitos sociais com o sistema mundo, o que resulta na formação de campos etnográficos multilocalizados estabelecendo, por exemplo, cadeias globais de produção de bens culturais.

Assumir a etnografia multissituada como estratégia metodológica impõem algumas limitações à pesquisa. A principal delas é a possibilidade de não se realizar uma descrição densa dos campos pesquisados, conforme tradicionalmente se preconiza nas etnografias (Pinheiro Machado, 2009). Também há o risco de que a condução da pesquisa nos diversos locais onde a mesma é realizada seja diferente, ou seja, os critérios utilizados para a coleta de dados podem variar, o que pode dificultar a interpretação dos resultados dos estudos devido a não homogeneidade dos materiais empíricos produzidos, o que, de fato, aconteceu nesse estudo. Se no Brasil o campo de pesquisa ficou definido a uma organização, no Canadá tivemos que circular por diversos espaços para poder realizar a pesquisa de campo e discutir nosso objeto de debate: as práticas de organização dos circenses. Entretanto, como também afirma Pinheiro Machado (2009), é preciso criar um ponto de equilíbrio entre o situado e o multissituado de forma que, ao mapearmos esses processos transnacionais, seja possível compreender o objeto estudado e amenizar as limitações impostas pelo método de pesquisa, bem como do campo de estudo.

Para compreender a formação dessa cadeia global, por meio da etnografia, nesse estudo, buscamos interconectar práticas de organização do circo contemporâneo a partir de seu **acontecimento organizativo** (Schatzki, 2006) em diferentes localidades. Nosso objeto de estudo etnográfico foram as práticas das organizações pesquisadas para que pudéssemos compreender a produção dos espaços heterotópicos a partir dessas práticas. Para tanto, entre os meses de março e dezembro do ano de 2011, uma das pesquisadoras deste estudo residiu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, no intuito de acompanhar o cotidiano de um circo contemporâneo brasileiro. A organização estudada tem aproximadamente vinte e cinco anos de atuação no campo das artes e é reconhecida como patrimônio cultural gaúcho. Conforme preconiza o método etnográfico (Clifford, 1997), por meio dos registros das observações participantes em diários de campo e por meio de entrevistas de história de vida realizada com os 32 artistas circenses do grupo, foi possível identificar que os circenses brasileiros reconheciam como importante referência de suas atividades as práticas organizativas dos circos canadenses (Diário de Campo, 28 de abril de 2011). Estávamos então diante de um fenômeno social com características de uma cadeia global de práticas de organização (Gravina, 2010), que conectavam esses dois universos culturais. Optamos por seguir essa rede de práticas e ampliamos o espectro do estudo etnográfico com a mobilidade rumo ao Canadá.

Nas etnografias multilocalizadas, a prática de pesquisa é diferente nos contextos locais, visto as especificidades socioculturais (Marcus, 1999). No Canadá, especificamente na cidade de Montréal, província de Quebeque, que apresenta a maior cadeia de produção circense canadense e mundial (Saire & Dalgie, 2012), além de acompanhar o cotidiano de um circo também foi possível entrevistar gestores das três organizações que atuam na formação dos artistas de circo canadense (Escola Nacional de Circo de Montréal⁽²⁾, *En Piste*⁽³⁾ e *Tohu*⁽⁴⁾). Foi a partir dessas entrevistas que identificamos o circo canadense a ser pesquisado, posto o destaque dado pelos entrevistados no que tange à relevância política e organizacional a ele atribuída.

O circo pesquisado foi fundado no início dos anos 2000, na cidade de Montréal, por sete artistas de circo. Atualmente, eles são considerados como (re)inventores do circo contemporâneo, ao incorporarem em seus espetáculos dinâmicas do contexto urbano das cidades, a exemplo do basquete de rua. A etnografia foi realizada entre os meses de março e setembro de 2013, totalizando 35 diários de campo e uma entrevista de história de vida com um dos fundadores e diretor artístico da companhia. As análises interpretativas (Denzin & Lincoln, 1994) dos materiais produzidos no trabalho de campo foram categorizadas a partir da identificação das práticas no cotidiano dos circos pesquisados, sendo que, neste artigo, são apresentados em duas seções, uma dedicada à pesquisa no Brasil e outra com os debates dos resultados dos estudos realizados no Canadá.

Conforme se pôde observar, uma das limitações de utilização do método etnográfico multissituado é a forma de coleta de dados que, devido às diferenças de natureza do contexto pesquisado, acaba por não ser homogênea nos locais de pesquisa. Com efeito, as interpretações dos resultados da pesquisa podem apresentar limitações de análise teórica devido a não padronização das informações a serem discutidas. Para minimizar essas características limitadoras da etnografia multissituada, neste estudo focamos as análises da dinâmica de uma organização brasileira e outra canadense, sem destacar como se configuram os campos de atuação dos artistas circenses de forma mais abrangente, o que foi possível realizar no Canadá e não no Brasil devido à característica de constituição da forma como os sujeitos pesquisados se organizam coletivamente. Dessa forma, conforme discute Pinheiro Machado (2009) e Marcus (1999), reduziremos a limitação da forma como os dados foram coletados e preservaremos a essência de utilização do método de pesquisa utilizado nesse estudo que é discutir a dinâmica transnacional do objeto pesquisado.

Os achados da pesquisa são apresentados na próxima seção deste artigo, na qual destacamos as práticas de organização dos circenses que possibilitam interpretar seus espaços como organizacionais heterotópicos. Destacamos que todos os nomes utilizados nesse texto são fictícios para garantir a confidencialidade dos atores envolvidos na pesquisa.

Práticas Organizativas na Constituição das Heterotopias Circenses no Brasil

Uma das principais contribuições dos EBP aos Estudos Organizacionais é repensar a dualidade indivíduo-sociedade. Nessa abordagem de pesquisa, as práticas são as maneiras de produzir as organizações, mas que concomitantemente também constituem os sujeitos sociais. Para Foucault (2013), os espaços heterotópicos podem ajudar a romper com essa dualidade indivíduo-sociedade nas Ciências Sociais, pois elas possibilitam repensar as discussões nos níveis **micro-meso-macrossocial** nas análises organizacionais, conforme pode ser observado no seguinte relato:

“Eu nasci e morei toda a minha vida lá em Pelotas.... Então, na verdade, foi uma coisa que veio inconsciente assim [ingressar no circo]. E na verdade eu nem sabia que eu tinha tanto esse gosto por arte. Porque eu acabei me formando no colégio e decidi que queria fazer a faculdade de Administração ... quando eu comecei a trabalhar no grupo e a animar, e olho no olho sabe, foi aí que eu tive certeza de que era que eu tinha que fazer. E no início foi difícil meu pai e minha mãe aceitar, né. Porque o sonho deles era eu ser uma super administradora. No início eu enfrentei: ah, eu acho muito lindo! Mas, não pra minha filha, sabe! Eu adoro ir no circo, adoro ver aquela gente louca. Mas, a minha filha vai ser administradora, né (risos)?” (Juliana, acrobata, 26 anos).

A prática de ingresso no circo é o que Foucault (2013) descreve como sendo um movimento crítico de rompimento com a norma vigente, pois subverte a ideia de que para um sujeito ser um profissional bem-sucedido é necessária a realização de uma graduação e uma universidade. Transgredir essa lei social e se apropriar de um espaço organizativo onde se prioriza a constituição do saber circense a partir do reconhecimento do outro (olho no olho) em detrimento da capitalização e acumulação de saberes para por mérito individual (super administradora), é considerado um ato de loucura pela sociedade.

Conforme discute Foucault (2013), os espaços heterotópicos se caracterizam por práticas que invertem um conjunto de relações sociais designadas para eles. Nesse sentido, na medida em que no circo a centralidade do trabalho se desloca da especialização formal do trabalho para o reconhecimento do outro, os sujeitos se tornam mal vistos pela sociedade por estabelecerem outras formas de relação laboral, especialmente pela produção da dimensão coletiva do espaço organizacional. Esse é um dos motivos da decisão de se tornar um artista circense ser considerada como um ato de loucura.

Foucault (2010), por exemplo, discute a loucura como um fato de ordem social. Suas análises são empreendidas no sentido de compreender as condições de emergência dos discursos sobre a loucura a partir de práticas institucionais e de saberes de cada época (Foucault, 2010). Como destaca Gregolin (2007), um aspecto importante a se considerar nessas discussões é que segregar os loucos, os vagabundos e os doentes evidencia, para o referido autor, a emergência dos discursos sobre a racionalidade e a produtividade no sistema capitalista. Nesse sentido, os considerados ociosos deveriam ser isolados, pois se desviam da ordem social, prática que configura os espaços heterotópicos, conforme discute Foucault (2013).

Essas práticas de ingresso no circo podem ser relacionadas ao que Foucault (2013) discute sobre as práticas de abertura e de fechamento dos espaços heterotópicos, pois elas delimitam, ainda que temporariamente, os usos dos espaços sociais, por isso elas cumprem certo número de gestos que caracterizam os contrapositionamentos. Então, as heterotopias podem formar heterocronias ao colocar os sujeitos em uma espécie de ruptura com o tempo tradicional (Foucault, 2013), no caso em questão, com a temporalidade do sistema econômico.

As práticas de ingresso no circo produziam o circo como sendo um espaço heterogêneo (Foucault, 2013). Por outro lado, essas práticas também são efeitos do número reduzido de escolas de circo no Brasil, ou seja, são práticas organizativas constituídas a partir de uma dinâmica considerada macrossocial. A solução para a constituição e a renovação dos elencos circenses era a formação desses sujeitos no cotidiano do próprio circo. Esse mosaico de saberes e poderes produzia um cotidiano heterogêneo, inclusive na formação de pequenos grupos de artistas no dia a dia do circo. Foi possível observar a existência de três deles: os **mais velhos**, os **mais novos** e os *VIPs*⁽⁵⁾. Como destaca Foucault (2013), os sistemas de abertura e fechamento das heterotopias são as lógicas de ação de apropriação dos espaços sociais que possuem dinâmicas de relações de poder em que se inscrevem e delimitam as circunstâncias de ação dos sujeitos.

Os **mais velhos** eram os artistas que pertenciam a um elenco de espetáculo e já tinham, em suas palavras, uma história com o grupo (Diário de Campo, 8 de abril de 2011). Os **mais velhos** também eram os responsáveis pelo ateliê, onde ocorria a confecção dos artefatos dos espetáculos. Nesse espaço era onde aconteciam os relatos históricos sobre a trajetória do grupo, bem como as peripécias dos artistas. Portanto, era um local restrito. Outra tarefa atribuída aos **mais velhos** era o ensino na escola de circo. De acordo com sua atividade no espetáculo, ao menos duas vezes na semana, eles eram responsáveis por ministrar aulas na escola, inclusive para os **mais novos**.

Essa prática de aprendizagem do fazer circo era compreendida como uma forma de produção coletiva do espaço organizacional. Os saberes produzidos naquele contexto deveriam ser de pertencimento a todos. Então, era responsabilidades dos **mais velhos** a disseminação desse conhecimento. É preciso destacar que os **mais velhos** não eram aqueles que tinha mais tempo no circo, mas quem detinha ou desenvolvia suas habilidades circenses de maneira mais profícua. Durante as

observações participantes, por exemplo, uma das artistas que havia ingressado no circo há poucas semanas já era considerada **mais velha** pelo domínio das técnicas circenses.

Essa noção de temporalidade não linear é uma das características das heterotopias denominadas de heterocronias, ou seja, uma ruptura com o tempo tradicional (Foucault, 2010). As heterocronias, no caso da produção de grupos dentro do circo, reflete uma luta social dentro da própria organização de tentar se constituir a partir de uma lógica coletiva. As heterotopias são estes processos organizativos que produzem e usam o espaço com todas as suas contradições e conflitos de interesses (Ramos, 2010).

Os **mais novos** eram os neófitos no circo. Geralmente, eles não pertenciam a elencos e realizavam as aulas na escola circense para o desenvolvimento de alguma habilidade para o ingresso em um espetáculo. Esse processo de ensino-aprendizagem ocorria, especialmente, por meio da repetição exaustiva dos movimentos e de conversas sobre como lidar com a vida no circo. Especialmente na hora das viagens, ouviam-se comentários, a exemplo de: “cuida dos **mais novos**” (Diário de Campo, 10 de maio de 2011). Ou, quando nas reuniões alguém falava o nome de alguma pessoa desconhecida, os outros comentavam: “é dos **mais novos**?” (Diário de Campo, 10 de maio de 2011). O relato de Vítor (malabarista - entrevista realizada a 8 de agosto de 2011), um dos artistas **mais novos**, ao falar sobre a sua estreia, pôde nos ajudar a compreender essa relação entre os **mais novos** e os **mais velhos**:

“E a minha cena a gente começou a fazer, resumindo a ópera, a gente começou a montar seis dias antes de apresentar. Seis dias antes a gente não tinha absolutamente nada. A gente não sabia nem como ia entrar e sair do palco. E aí, foi desesperador (risos). Porque o Alegria (o outro espetáculo do circo que estaria realizando a mesma temporada) já estava lá se apresentando, o Paulo tava lá, e a gente tinha, nós, desse elenco, tínhamos a responsabilidade de montar, e isso tinha que estar pronto, do dia pra noite. E aí, essa semana foi muito estressante. Foi a pior semana que eu já tive. A pior de todas. Foi mega estressante, mega, eu estava supersensível e foi complicado assim, mas, teve um momento que a coisa começou a fluir, começou a caminhar, e aí foi tranquilo. Teve um dia específico, que a cena já estava praticamente pronta, só que aí eu tive que trabalhar interpretação, respiração, e eu passei uma tarde trabalhando com o Tiago (um dos artistas mais velhos) e aí foi outro momento que mudou, que eu vi que era muito além daquilo que eu sabia fazer. Eu tinha que fazer muito mais coisas. E aí, foi bem, foi um dia que trabalhamos só eu e o Tiago, e foi um dia que ele me ajudou muito. O Tiago me ajudou muito, muito mesmo. Tanto na semana de preparação, nesse dia específico, ele me deu uma ajuda que mudou aquilo que era a minha cena da água pro vinho. Antes era só uma sequência de movimentos, e depois passou a ser uma cena de interpretação, com uma expressão.”

Os **mais velhos** não ensinavam apenas a dimensão técnica das artes, mas, também, a constituição subjetiva do artista. Por isso, a tranquilidade com que Tiago ensinava os **mais novos**. O grupo dos *VIPs* era composto pelos artistas mais próximos ao diretor artístico do circo, bem como dos recém-ingressos na organização que, por apresentarem uma habilidade em específico, já eram incorporados diretamente ao elenco de espetáculo. Eles participavam da construção das cenas, das atividades no ateliê e promoviam o ordenamento na Trupe. Quando Paulo (diretor do circo) estava criando alguma cena para o espetáculo, era a eles que ele se reportava. Olhava para um dos *VIPs* e dizia: “o que tu achas?” (Diário de Campo, 24 de maio de 2011).

As práticas de ingresso no circo e de aprendizagem das artes circenses se destacaram por demarcar as próprias posições do circo, em contraposição às práticas institucionais estabelecidas em outras organizações. Essas práticas questionavam a formalidade da constituição da vida profissional centrada nos saberes das escolas formais, bem como da produção de saberes nos espaços organizacionais a partir de uma hierarquia de saberes aprendidos em escolas ou faculdade reconhecidas pelo Estado como base de ascensão profissional. É isso que Foucault (2013) destaca ao afirmar que as heterotopias definem seus espaços a partir de outros espaços, porém destacando que as posições nela produzidas contrapõem-se ao legal ou formalmente instituído, como bem discute Ramos (2010) ao ponderar que as heterotopias questionam estruturas sociais profundamente enraizadas.

Durante esse período de pesquisa de campo, foi possível observar que os artistas circenses brasileiros apresentavam o contexto organizativo do circo canadense como referência de suas atividades, especialmente pelo apoio governamental que as artes recebem naquele país e a destreza das técnicas

circenses dos sujeitos que trabalham no Canadá. Estávamos diante de um conjunto de práticas organizativas que constituem uma cadeia global de produção (Gravina, 2010), e decidimos seguir essa rede de práticas resultando no desenvolvimento da pesquisa na cidade de Montréal, Quebeque, Canadá. Além disso, de acordo com Leslie e Rantisi (2010), o Canadá é referência mundial da cadeia do circo contemporâneo, tanto pela presença do *Cirque du Soleil* naquela localidade, quanto pelos investimentos do governo canadense na produção circense.

As Heterotopias Organizacionais no Circo Contemporâneo Canadense

No Canadá, destacamos o processo de criação e de produção de um espetáculo circense como forma de compreensão sobre como os circos podem ser compreendidos com espaços heterotópicos. Fundado no ano início dos anos 2000 por sete artistas circenses (Julie, Louise, Gabrielle, Geneviève, Michel, Pierre, Nicolas), a proposta do circo canadense pesquisado é atuar de forma coletiva, pois, de acordo com os mesmos, o objetivo da organização é resgatar a dimensão humana do circo a partir de diferentes compreensões sobre como o sujeito contemporâneo constrói o espaço urbano da cidade, o que está em consonância com a proposição de atuação do circo pesquisado no Brasil, anteriormente.

O processo de criação e de produção do espetáculo circense era realizado em um estúdio alugado pelo circo, pois eles não tinham um local próprio para essas atividades. As práticas de ocupação do espaço de produção cênica destacavam as diferentes espacialidades produzidas no cotidiano organizativo circense, inclusive as que eram efeitos das relações de forças entre os sujeitos. É isso que White *et al.* (2012) destacam ao afirmarem que, nos espaços heterotópicos, as práticas que delimitam as fronteiras do trabalho emergem como fronteiras espaciais na distribuição de recursos e distinções identitárias, demonstrando as assimetrias das relações de poder nas organizações.

O palco era o lugar onde os artistas se reuniam para as suas atividades e a mesa administrativa, localizada em frente ao palco, o local das atividades desenvolvidas pelas equipes administrativas e técnicas do circo. Ao final de cada dia de ensaios, os diretores artísticos (Pierre e Julie) reuniam toda a equipe de trabalho (ver Tabela 1) para realizar um balanço geral das atividades realizadas. Para se dirigir ao pessoal da mesa, Pierre enunciava: “Carine pode vir” (Diário de Campo, 5 de junho de 2013). E sabíamos que Carine significava todos integrantes da equipe administrativa do circo (Diário de Campo, 5 de junho de 2013). Carine era a produtora cultural da organização e responsável pela condução administrativa de produção do espetáculo. A separação local entre os sujeitos no espaço social remetia a uma dimensão mais ampla do processo organizacional circense: a separação entre os criadores e os gestores. Esses dois saberes produziam lugares no espaço social que refletiam uma luta político-econômica nas artes que tinha como efeito a produção heterogênea do espaço organizacional do circo (Foucault, 2013).

Tabela 1

Composição da Equipe de Trabalho do Espetáculo Circense no Canadá

Nome	Atividade desenvolvida na produção do espetáculo
Julie	Diretora artística
Pierre	Diretor artístico
Carine	Produtora
Lionel	Artista
Alain	Artista
Lise	Artista
Eloise	Artista
Daphne	Assistente de produção
Michel	Artista

Em uma das reuniões de final de tarde, o chamado de Pierre era para comunicar que a turnê de outro espetáculo do circo seria iniciada naquela semana. Os artistas deveriam produzir um vídeo para demonstrar apoio aos colegas de circo. Sempre que um dos espetáculos era iniciado ou finalizado em turnês, a equipe de outro espetáculo do circo produzia um vídeo para demonstrar que todos sabiam o que estava ocorrendo na organização por completo, e não somente sobre suas atividades. A reciprocidade dessa prática se materializava na postagem de fotografias dos locais onde as turnês estavam acontecendo em redes sociais.

Pierre avisou que um dos elencos do circo estava em turnê fora do Canadá e solicitou que fosse realizado um vídeo para fortalecer a confiança dos colegas de trabalho em suas atividades. Todos os artistas se dirigiram ao palco para a realização da filmagem. Nenhum sujeito da equipe técnica ou administrativa participou da produção do vídeo, incluindo-se aí os diretores artísticos, Pierre e Julie. Carine se encarregou do trabalho de realizar a filmagem (Diário de Campo, 25 de julho de 2013). Ela, diretora de produção do espetáculo, circulava entre os dois lugares estabelecidos no cotidiano de trabalho do circo de forma a integrar as ações entre os mesmos.

Uma das propriedades das heterotopias é a produção da ilusão de ordem nos espaços, porém sempre destacando que as relações de ordenamento podem possibilitar resistências frente à estrutura estabelecida, pois ela não é monolítica (Ramos, 2010). Por isso, apesar da separação da produção de saberes, as fissuras nesse ordenamento faziam com que Carine circulasse entre os diferentes espaços. As heterotopias são, portanto, multiplicidades espaciais que destacam a presença de múltiplas representações conflitantes em uma mesma área (Valverde, 2009).

Essa prática de produção de diferentes espaços no circo canadense é semelhante à prática de transmissão de saberes entre os **mais velhos** e os **mais novos** no circo brasileiro. Como destaca Foucault (2013), os sistemas de abertura e fechamento das heterotopias são as lógicas de ação de apropriação dos espaços sociais (Certeau, 2008), que possuem dinâmicas de relações de poder em que se inscrevem e delimitam as circunstâncias de ação dos sujeitos, porém invertendo as lógicas de apropriação dos espaços. Se, no caso das organizações, são os saberes formais que delimitam os espaços, no circo brasileiro e no canadense são os saberes não formalizados, cuja formação profissional dos sujeitos não influencia sua forma de ocupação do espaço, mas, sim, suas práticas de trabalho cotidianas.

Durante os ensaios ocorriam **paradinhas** para descanso. Essa prática se constituía por meio do deslocamento do diretor do circo para um **cantinho** da porta lateral do estúdio. Os artistas formavam pequenos grupos entre si produzindo espacialidades dentro do espaço organizacional circense. Os franceses, Michel, Lise e Daphne, deslocavam-se para perto de uma das saídas do estúdio; Lise e Eloise, que faziam o duo de trapézio, reuniam-se próximo a seu aparelho na companhia de Julie; Lionel e Alain,

acrobatas, testavam novas acrobacias no palco; Michel, por fim, reunia-se com a equipe técnica de produção do espetáculo.

“Na hora da **paradinha** fiquei conversando com Lise, Catherine, Laurie e Pierre. Eles começaram a conversa sobre o trabalho de pesquisa de Laurie, visto ela ficar anotando os movimentos de todos no palco. Pierre então brincou: se eu esticar o braço assim [o mais distante que ele pode] como será que isso será retratado em seus desenhos. E todos riam muito. Logo, eles se direcionaram para mim e Lise questionou: o que é que você anota tanto nas suas coisas? Que Lise é perfeita! Que Lise faz coisas estranhas [risos]. Eu então afirmei que só anotaria aspectos profissionais, inclusive a perfeição do trabalho dela. Todos continuamos a rir. Catherine então comentou: a gente sabe que é profissional mesmo.” (Diário de Campo, 18 de junho de 2013)

Para Foucault (2010), não é possível discutir práticas que produzem subjetividades sem postular suas formas de objetivação. Esse processo de apropriação dos locais de ensaios destaca como a dinâmica das práticas informais das relações sociais reconfigura os posicionamentos dos sujeitos sociais na produção de espacialidades, agora não mais pautado somente nos saberes profissionais. Com efeito, **outros espaços** se formam no cotidiano heterogêneo do circo.

Essa discussão, conforme afirmam Cairns *et al.* (2003), possibilita compreender a imperfeição das discussões sobre o panóptico aplicado às análises organizacionais. De acordo com os referidos autores, o entendimento das organizações como **lugares** (Certeau, 2008) de estabilidade impede a compressão de como diferentes espaços e tempos são produzidos nas organizações a partir de suas relações com distintos atores sociais. Então, devido à necessidade de estabilidade e controle, ou seja, de uma estrutura, para compreender a dinâmica organizacional, as práticas elencadas para os estudos organizacionais foram predominantemente, durante o século XX, as que compunham o conjunto da dimensão de racionalização do trabalho (Cairns *et al.*, 2003).

A partir dessas discussões, Valverde (2009) destaca diferenças entre os espaços formais e as heterotopias, caracterizando o primeiro como modos de organização e de renovação do espaço por meio do apelo aos posicionamentos das instituições políticas frente a determinados acontecimentos. É o sistema formal que postula a formulação dos espaços concretos que são incorporados aos mecanismos legisladores (Valverde, 2009). Por isso, a recorrência às leis de propriedade particular ou, no caso das empresas em geral, as **paradinhas** ocorrem em momentos pré-determinados e articulados aos processos formais de gestão, podendo ser ou não fomentadas, dependendo da posição que ocupam frente às estratégias organizacionais. Nos espaços heterotópicos, são os arranjos informais que atuam nos processos de organização espaço-social (Valverde, 2009) e, conseqüentemente, das **paradinhas**, por isso elas ocorrem no momento em que os artistas circenses determinam, bem como se desenvolvem a partir de suas pautas de discussões. É nesse sentido que Ramos (2010) destaca que as relações sociais se fazem não apenas (no)sobre o espaço, mas pelo espaço e com referência ao espaço. Isso pode ser observado no seguinte relato sobre a produção de um espetáculo para a América Latina:

“Geneviève afirmou antes do início das apresentações que hoje somente seriam apresentados os números e cenas que foram adaptados para a turnê no México. As músicas utilizadas eram com melodias latino-americanas. Entretanto, na cena em que há mais movimentos acrobáticos percebi uma batida de samba com música eletrônica o que produziu uma sonoridade muito boa como já havia escutado de alguns artistas brasileiros ainda quando eu residia no Brasil. Uma das cenas que mais me chamou atenção foi a de mão a mão. A cena era de um casal sentado no sofá na sala de televisão de uma casa. Eles brigavam pela posse do controle remoto, pois o marido insistia em assistir uma partida de futebol enquanto a mulher insistia em manter a televisão no canal de novelas. As narrativas destes dois momentos eram em espanhol. A disputa do casal em cena acaba quando na passagem pelo canal televisivo que representava a transmissão de uma partida de futebol um gol do México sobre a seleção Brasileira sela a vitória dos mexicanos sobre os brasileiros nas Olimpíadas de verão do ano de 2012. Apesar de eu não ter gostado do final da cena, por ser uma convicta admiradora do futebol de meu país, as adaptações ficaram muito boas, por eles trabalharem no espetáculo dois aspectos culturais muito presentes no México: novela e futebol. Além de colocar em debate as questões de gênero sobre os hábitos televisivos dos países latino-americanos. Enviei, então, um *e-mail* para Nicole comentando sobre a pertinência das escolhas realizadas para levar o espetáculo para a América Latina.” (Diário de Campo, 25 de maio de 2013).

As heterotopias, de acordo com Ramos (2010), são processos de reapropriação do espaço social com todas as suas contradições e conflitos de interesses, são espaços praticados, de acordo com Foucault (2013), por isso as práticas organizativas do circo produzidas a partir das práticas culturais da América Latina tinham como efeito a constituição do circo como heterotopia imersa nas relações de poder que constituem os países da América do Norte, bem como pela presença da pesquisadora em campo. Um aspecto destacado por Foucault (2013) sobre as heterotopias é o fato delas justaporem, em um único local, vários espaços, várias alocações que são, em si mesmas, incompatíveis. O referido autor destaca o teatro como exemplo, visto no palco serem articulados uma série de lugares estranhos uns aos outros. Essa justaposição de lugares não ocorria somente **em cima do palco**, mas, também, no cotidiano de trabalho circense devido à intensa presença de estrangeiros na composição do elenco dos espetáculos, bem como da intensa internacionalização da organização.

Para Foucault (2010), as relações de poder não atuam somente como uma força repressiva, mas de relações de forças em um processo disperso que atravessa todo o corpo social, não tendo origem, mas sendo produzido a partir dos agenciamentos das práticas sociais. É uma luta travada no cotidiano contra o que é imposto como processo de organização social. Se comumente nos espaços organizacionais se busca a padronização dos comportamentos e práticas sociais, no contexto circense as práticas heterogêneas se destacam na constituição dos espaços organizacionais heterotópicos.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi discutir como as práticas organizativas constituem os circos contemporâneos como heterotopias organizacionais. Para tanto, utilizamos a etnografia multissituada como estratégia metodológica para a compreensão das espacialidades organizativas do circo nos contextos brasileiro e canadense, dado que se constituem como importantes *lôcus* de desenvolvimento das artes do circo.

Primeiramente, foi possível destacar duas práticas que configuram os circos como contemporâneos, sendo estas a formação dos artistas a partir de uma dinâmica não familiar, especialmente ocorrendo em escolas, em que pese as mesmas não serem necessariamente formais. E, como consequência, o processo de organização do trabalho se desloca das estruturas familiares, visto que o ingresso no circo não ocorre mais via tradição geracional. Isso abre espaços para que sujeitos que não afetos às artes do circo possam desenvolver essa atividade, como observado no Brasil e no Canadá.

A caracterização dos circos contemporâneos como heterotopias ocorre, pois são espaços utópicos efetivamente realizados, como afirma Foucault (2013), onde as práticas organizativas combatem o institucionalmente estabelecido na sociedade de tal forma “que elas suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se acham designados e refletidos por elas” (p. 414). De forma mais específica, os circos contemporâneos foram evidenciados como heterotopias de desvio, pois se tornar um artista de circo produz esse sujeito como transgressor em relação às normas exigidas de formação e de trabalho profissional. Além disso, a associação da arte com o trabalho não remunerado, afinal ser artista é ser **louco** e trabalha por amor, portanto não sendo produtivo para a sociedade (Diário de Campo, 25 de maio de 2011), destaca a atividade artística como aparentemente produzido fora do enclave do mercado (Dourado, Holanda, Silva, & Bispo, 2009). Com efeito, essas heterotopias de desvio configuram outros espaços organizacionais que não os circos tradicionais, tão pouco os modelos organizativos formalizados, mas **outros espaços**, bem como outros sujeitos.

O silenciamento das discussões sobre as organizações que se constituem com base em práticas de mobilidade socioespacial e, com efeito, constituem-se em diferentes localidades resultou, conforme discutem O’Doherty, De Cock, Rehn e Ashcraft (2013), na dificuldade de se pensar o organizando em movimento, e as organizações, portanto, tornaram-se um obstáculo para se compreender os processos organizativos (Czarniawska, 2013). Isso ocorre pela ênfase das análises dos dispositivos de poder, por exemplo, que fixam as organizações e as pesquisas organizacionais em locais específicos, dificultando

o entendimento de como as organizações acontecem (Schatzki, 2006) e são produzidas em diversos espaços sociais.

A partir de uma aproximação teórica do conceito de práticas (Schatzki, 2006) desenvolvido nos EBP com as discussões conceituais de Foucault (2013) sobre as heterotopias como espaços organizativos, nós podemos contribuir para os Estudos Organizacionais com base em uma perspectiva analítica crítica dos efeitos das práticas de mobilidade nas organizações. Considerando as heterotopias como sendo “determinados posicionamentos que carregam em si a propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de tal modo que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações por eles designadas, refletidas ou pensadas” (Foucault, 2013, p. 414), foi possível compreender os efeitos das práticas organizativas no contexto urbano da cidade, bem como de suas espacialidades em contextos de mobilidade socioespaciais, especialmente no Canadá.

Em termos específicos às organizações circenses, foi possível compreender que o ingresso no cotidiano do circo é um processo de constituição dos sujeitos artistas circenses em confronto com determinantes sociais, a exemplo de ter um emprego fixo ou um local determinado para trabalhar. Essa ação – ser artista de circo – implica o questionamento de como o lugar do outro determina o espaço de atuação dos artistas, inclusive da organização em estudo, que, ao ser praticado, subverte o sistema vigente nas cidades e produz multiplicidades espaciais no cotidiano organizacional circense. Como efeito dessas práticas organizativas, os sujeitos que são incorporados aos espaços heterotópicos também são produzidos a partir desses confrontos, como pode ser observado em relação aos posicionamentos sociais atribuídos aos artistas circenses durante a realização da etnografia como sendo **loucos**.

Para Cairns *et al.* (2003), os espaços organizacionais podem ser compreendidos como heterotópicos por diferentes planos de análise, especialmente pela múltipla produção espaço-temporal elaborada no cotidiano das organizações. A contradição das práticas de trabalho da área administrativa e artística fica evidente nesse embate em que se estabelecem fronteiras espaciais nas organizações. É por isso que, ao longo do desenvolvimento das atividades, produzem-se os lugares dos artistas, dos técnicos, dos gestores no espaço organizacional, ou entre os **mais velhos**, os **mais novos** e os **VIPs**, no caso do Brasil, ou entre o placo e a mesa, no Canadá. É importante destacar que, além dos artistas, os produtores culturais são sujeitos que podem circular entre esses diferentes lugares como forma de articulá-los. É por isso que os produtores culturais são constantemente chamados em campo para o desenvolvimento das atividades e aproximação entre os diferentes lugares que compõem o cotidiano organizacional circense.

É justamente com base nesse entendimento da produção de **outros espaços** que os debates de Foucault (2013) se inserem neste estudo por possibilitar o entendimento de espacialidades que, apesar de estarem em conexão com a ordem vigente, os seus usos produzem contrapositionamentos ou subvertem os modos de organizar, permitindo compreender como o mundo vivido possui conexões com o sistema mundo (Marcus, 1995, 1999). A contribuição apresentada neste artigo possibilita realizar uma reconexão teórica com o conceito de heterotopias, e uma metodológica, especialmente por meio da etnografia multissituada, das análises micro e macrosociais das organizações.

A prática das **paradinhas** como forma de criar um espaço de convivência nos circos fomenta os processos criativos de números e espetáculos circenses subvertendo a ordem imposta da escrita de projetos. As **paradinhas** se configuram como uma tática micropolítica dos artistas de circo para que as maneiras de fazer arte não sejam dominadas pelas práticas de trabalho que separam criação e interpretação. Por isso, são espacialidades produzidas dentro do próprio circo como forma de contrapor as suas próprias práticas de produção de lugares no cotidiano circense, evidenciando as relações de poder nas heterotopias organizacionais, aspecto criticado nas primeiras análises foucaultianas sobre a produção de **outros espaços**.

Sendo assim, a apropriação do conceito de heterotopias aos EBP possibilitou compreender as organizações como sendo constituídas a partir de múltiplas espacialidades heterogêneas, pois as práticas possibilitam deslocamentos de posicionamentos sociais. Nesses deslocamentos é que se constituem as heterotopias organizacionais, cuja especificidade se dá devido à não constituição à margem da

sociedade, mas nos interstícios de diferentes espaços sociais privilegiando o percurso sobre o Estado, o heterogêneo ao homogêneo (Foucault, 2013). Tivemos como desafio o entendimento de como diferentes espaços organizacionais em diferentes contextos culturais são interligados por meio dessas práticas que constituem as heterotopias, o que resultou na adoção da etnografia multissituada nesse estudo.

De forma ampla, este artigo apresentou um caminho teórico-metodológico de discussões ainda não constituído nos Estudos Organizacionais no Brasil. A contribuição teórica se refere ao desenvolvimento do conceito de heterotopias organizacionais para as análises de organizações que se constituem com base em multiplicidades socioespaciais. A contribuição em termos de método é a apropriação da etnografia multissituada como estratégia metodológica de estudos dos processos organizacionais estabelecidos em diferentes contextos culturais e em dispersas localidades. Também destacamos a necessidade de adoção de estratégias para minimizar as limitações que a adoção deste método implica às análises dos resultados da pesquisa, especialmente pela heterogeneidade de utilização das técnicas de coleta de dados que os diferentes locais de estudo impõem aos pesquisadores.

Essas discussões podem ser ampliadas em outras pesquisas que possibilitem o entendimento de produção e de efeitos das heterotopias organizacionais na sociedade, especialmente dos processos organizativos com mobilidades socioespaciais não somente no sentido de acesso a dados, conforme se centralizam os debates sobre trabalho móvel e uso das tecnologias digitais, por exemplo, mas também de outras organizações que se constituem, conforme discute Foucault (2013), como espaços à deriva, a exemplo de navios ou de projetos temporais de grandes eventos, como os fóruns mundiais que são itinerantes.

Notas

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada em 2014 no XXXVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração.

² Foi a primeira escola profissional de circo do continente americano.

³ *En Piste* é o reagrupamento nacional de artes circenses do Canadá, fundada no ano de 1994. Reúne profissionais e organizações vinculados ao circo nesse país.

⁴ É o maior centro de formação, criação, produção e difusão das artes circenses do mundo. Em operação desde 2004, foi financiado com recursos públicos e privados do Canadá.

⁵ *VIP* é a abreviatura do termo de origem anglo-saxão *Very Important Person* e designa pessoas ou grupo de pessoas que são consideradas importantes em determinado grupo social.

Referências

- Beyes, T., & Michels, C. (2011). The production of educational space: heterotopia and the business university. *Management Learning*, 42(5), 521-536. <http://dx.doi.org/10.1177/1350507611400001>
- Beyes, T., & Steyaert, C. (2011). Spacing organization: non-representational theory and performing organizational space. *Organization*, 19(1), 45-61. <http://dx.doi.org/10.1177/1350508411401946>
- Bispo, M. S. (2015). Methodological reflections on practice-based research in organization studies. *Brazilian Administration Review*, 12(3), 309-323. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/bar/v12n3/1807-7692-bar-12-03-00309.pdf>. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-7692bar2015150026>
- Cairns, J., McInnes, P., & Roberts, P. (2003). Organization space/time: from imperfect panoptical to heterotopian understanding. *Ephemera*, 3(2), 126-139.

- Certeau, M. (2008). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Clifford, J. (1997). *Route: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press.
- Clifford, J. (2008). *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Czarniawska, B. (2013). Organizations as obstacles to organizing. In D. Robichaud & F. Cooren (Eds.), *Organization and organizing: materiality, agency, and discourse* (pp. 3-22). New York: Routledge.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dourado, D. P., Holanda, L. A., Silva, M. M. M., & Bispo, D. A. (2009). Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. *Cadernos EBAPÉ.BR*, 7(2), 349-367. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n2/a11v7n2.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512009000200011>
- Everts, J., Lahr-Kurten, M., & Watson, M. (2011). Practice matters! Geographical inquiry and theories of practice. *Erdkunde*, 65(4), 323-334. <http://dx.doi.org/10.3112/erdkunde.2011.04.01>
- Fahy, K. M., Easterby-Smith, M., & Lervik, J. E. (2014). The power of spatial and temporal orderings in organizational learning. *Management Learning*, 45(2), 123-144. <http://dx.doi.org/10.1177/1350507612471925>
- Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240-1253. <http://dx.doi.org/10.1287/orsc.1100.0612>
- Foucault, M. (2010). O sujeito e o poder. In P. Rabinow & H. L. Dreyfus, *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e a hermenêutica* (pp. 296-342). São Paulo: Martins Afonso.
- Foucault, M. (2013). De outros espaços. *Estudos Avançados*, 27(79), 113-122. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>
- Gallan, B. (2015). Night lives: heterotopia, youth transitions and cultural infrastructure in the urban night. *Urban Studies*, 52(3), 555-570. <http://dx.doi.org/10.1177/0042098013504007>
- Gherardi, S. (2010). Telemedicine: a practice-based approach to technology. *Human Relations*, 63(4), 501-524. <http://dx.doi.org/10.1177/0018726709339096>
- Gherardi, S. (2012). *How to conduct a practice-based study*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Gherardi, S. (2015). Conclusions: towards an understanding of education as a social practice. In M. Kennedy, S. Billett, S. Gherardi, & L. Grealish (Eds.), *Practice-based learning in higher education: jostling cultures* (pp. 173-182). Netherlands: Springer International.
- Gravina, H. C. (2010). *Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Gregolin, M. R. (2007). *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos* (3a ed.). São Carlos: Claraluz.
- Latour, B. (2006). Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo*, 15(14/15), 339-382. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p339-352>

- Leite-da-Silva, A. R., Carrieri, A. de P., & Souza, E. M. de (2012). A constructionist approach for the study of strategy as social practice [Special Issue]. *Brazilian Administration Review*, 9, 1-18. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/bar/v9nspe/02.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-76922012000500002>.
- Leslie, D., & Rantisi, N. M. (2010). Creativity and place in the evolution of a cultural industry: the case of Cirque du Soleil. *Urban Studies*, 48(9), 1771-1787. <http://dx.doi.org/10.1177/0042098010377475>
- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>
- Marcus, G. E. (1999). What is at stake —and is not —in the idea and practice of multi-sited ethnography. *Camberra Anthropology*, 22(2), 6-14. <http://dx.doi.org/10.1080/03149099909508344>
- Nicolini, D. (2013). *Practice theory, work, & organization: an introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- O'Doherty, D., De Cock, C., Rehn, A., & Ashcraft, K. L. (2013). New sites/sights: exploring the white spaces of organization. *Organization Studies*, 34(10), 1427-1444. <http://dx.doi.org/10.1177/0170840613499654>
- Ofen, J. L. (2010). Portrait of a circus girl. *Ethnography*, 11(3), 473-484. <http://dx.doi.org/10.1177/1466138110370507>
- Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2013). Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), 156-168. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902013000200004>
- Orlikowski, W. J. (2010). Practices in research: phenomenon, perspective and philosophy. In E. Eero Vaara, D. Seidl, D. Golsorkhi, & L. Rouleau (Eds.), *Handbook of strategy as practice* (pp. 23-33). Cambridge: Cambridge University Press.
- Parker, M. (2011). Organizing the Circus: the engineering of miracles. *Organization Studies*, 32(4), 555-569. <https://dx.doi.org/10.1177/0170840611403668>
- Pinheiro Machado, R. (2009). *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Ramos, T. T. (2010). Heterotopias urbanas: espaços de poder e estratégias sócio-espaciais dos sem-teto no Rio de Janeiro. *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, 9(27), 293-313. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30515709013>
- Reckwitz, A. (2012). Affective spaces: a praxeological outlook. *Rethinking History*, 16(2), 241-258. <https://dx.doi.org/10.1080/13642529.2012.681193>
- Rodríguez-Amat, J. R., & Brantner, C. (2016). Space and place matters: a tool for the analysis of geolocated and mapped protests. *New Media & Society*, 18(6), 1027-1046. <https://dx.doi.org/10.1177/1461444814552098>
- Saire, P. O., & Dalgie, P. (2012). *Planification sectorielle des arts du cirque*. Montréal: En Piste.
- Sandberg, F., Fejes, A., Dahlstedt, M., & Olson, M. (2016). Adult education as a heterotopia of deviation: a dwelling for the abnormal citizen. *Adult Education Quarterly*, 66(2), 103-119. <https://dx.doi.org/10.1177/0741713615618447>

- Santos, L. L. S., & Silveira, R. A. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 79-98. <https://dx.doi.org/10.1590/1984-9230724>
- Schatzki, T. R. (2006). On organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), 1863-1873. <https://dx.doi.org/10.1177/0170840606071942>
- Soja, E. (1993). *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Steyaert, C. (2008). Queering space: heterotopic life in Derek Jarman's garden. *Gender, Work & Organization*, 17(1), 45-68. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1468-0432.2008.00404.x>
- Valverde, R. R. H. F. (2009). Sobre espaço público e heterotopia. *Geosul*, 24(48), 7-26. <http://dx.doi.org/10.5007/2177-5230.2009v24n48p7>
- White, P., Hillman, A., & Latimer, J. (2012). Ordering, enrolling, and dismissing: moments of access across hospital spaces. *Space and Culture*, 15(1), 68-87. <https://dx.doi.org/10.1177/1206331211426063>

Dados dos Autores

Josiane Silva de Oliveira
PPGADM, Alameda Palmeiras, Quadra D, Campus Samambaia, 74690-900, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: oliveira.josianesilva@gmail.com

Neusa Rolita Cavedon
Avenida Washington Luís, 885, 90010-460, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: neusa.cavedon@ufrgs.br